

mãos. No entanto, em unidades nas quais essa preocupação não é mantida, os níveis de adesão podem cair rapidamente.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101354>

EP-277

AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS MICROBIOLÓGICAS E EPIDEMIOLÓGICAS DOS PACIENTES INFECTADOS POR MICRORGANISMOS MULTIRRESISTENTES DO HOSPITAL HELIÓPOLIS, 2016-2018



Loni Suliani Dorigo, Durval Alex Gomes e Costa, Simone Gomes de Sousa, Adilson José Cavalcante Westheimer, Juvencio José Duailibe Furtado

Hospital Heliópolis, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: As bactérias multirresistentes (MDR) são responsáveis por aumento da mortalidade, dos custos das internações e dos dias de hospitalização. Tratá-las é um grande desafio mundial já que os atuais esquemas terapêuticos apresentam uma série de limitações e mostram-se, muitas vezes, pouco eficientes.

Objetivo: Este estudo avaliou o perfil microbiológico e características dos pacientes infectados por bactérias multirresistentes em Hospital Terciário da cidade de São Paulo.

Metodologia: O estudo foi retrospectivo e transversal, com coleta de dados no Serviço de Arquivo Médico a partir da planilha de pacientes infectados ou colonizados por bactérias multirresistentes.

Resultados: Foram avaliados 132 pacientes entre 2016-18, com idade média de 61.2 anos (15-94). *Klebsiella* spp. produtora de carbapenemase (KPC) e *Enterococcus* spp. resistente à vancomicina (VRE) foram os mais prevalentes (73.4% e 35.6% respectivamente), com mortalidade respectiva de 38.1% e 21.3%. Mortalidade acentuada teve relação com idade entre 71-80 anos, infecção de corrente sanguínea, infecções em unidades críticas e escore de Pitt alto. Óbitos ocorreram em 50% dos pacientes em uso de polimixina e meropenem para KPC e em 50% e 30% dos que usaram ampicilina e linezolida, respectivamente, para tratamento de VRE. Comunicantes foram gerados em 34% dos pacientes, com maior prevalência em unidades com ocupação permanente de 100% dos leitos. Pacientes que estavam apenas colonizados por MDR tiveram risco de morte associada ao MDR de 11.1%. O escore de Pitt no momento da coleta da cultura estava abaixo de 4 em 58.3% dos casos.

Conclusão: Nosso estudo mostra a necessidade de estratégias de tratamento empírico direcionado no momento da piora clínica (com escore de Pitt ainda baixo na maioria dos pacientes) para diminuir a mortalidade de MDR, ainda que haja necessidade de novas opções terapêuticas mais eficientes. Melhor manejo de unidades superlotadas também diminuem os comunicantes, reduzindo custos de internação, mortalidade e precauções de contato.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101355>

EP-278

O USO DE LUVAS PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM AMBIENTE HOSPITALAR



Caroline do Rio, Camila Eugenia Roseira, Lívia C. Scalon Costa Perinoti, Rosely Moralez de Figueiredo

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil

Ag. Financiadora: FAPESP E CAPES

Nr. Processo: FAPESP: 2019/08484-3
CAPES:88887.484599/2020-00

Introdução: Nos serviços de saúde, as luvas são os insumos mais utilizados e juntamente com a Higienização das Mãos (HM) e o uso dos demais Equipamentos de Proteção Individual (EPI) subsidiam as precauções padrão e as específicas. Entretanto, seu uso indiscriminado pode gerar, dentre outros problemas, o aumento do risco de infecção cruzada entre pacientes, já que esta situação tende a ser aliada à baixa adesão à HM. Partindo dos prejuízos inerentes a uma utilização incorreta de luvas e não pautada em riscos, buscou-se compreender como ocorre a utilização deste EPI pela equipe de enfermagem.

Objetivo: Caracterizar o uso de luvas pela equipe de enfermagem em ambiente hospitalar e identificar situações em que este uso esteja ou não em conformidade.

Metodologia: Estudo descritivo exploratório de abordagem quantitativa, realizado em hospital do interior do estado de São Paulo, no período de agosto a outubro de 2019, por meio da observação da equipe de enfermagem na realização de 396 procedimentos. O roteiro para anotação foi elaborado pelas autoras com base nas recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Todos os aspectos éticos foram contemplados.

Resultados: Foram observados 32 diferentes tipos de procedimentos. A taxa de conformidade ao uso de luvas, em completa concordância, ocorreu somente em uma observação (0,25%). Já excluindo-se a higienização das mãos foi de 60,1% (238). Em outras 39,9% (158) oportunidades a utilização incorreta variou entre reutilização (18,43%), utilização sem necessidade (8,33%) e a não utilização quando necessário (13,13%). As mãos foram higienizadas previamente ao uso de luvas em 1,76% das observações e em 4,54% imediatamente após sua retirada.

Discussão/Conclusão: A baixa adesão à HM pelos profissionais de enfermagem é algo bem documentado. Quanto ao uso indiscriminado ou inadequado das luvas, sabe-se que esse fator pode estar associado a contaminação cruzada e ainda pela transferência de microrganismos ou matéria orgânica para as superfícies tocadas. Muitas vezes, a utilização de luvas ocorre independente do risco de contato com sangue, secreções ou mucosas. Por outro lado, uma situação preocupante encontrada no presente estudo, foi que em 13,13% das oportunidades os profissionais não utilizaram luvas mesmo tendo indicação. O uso de luvas pela equipe de enfermagem apresentou não conformidades em 39,89% das vezes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101356>